

"SE PUDESSE, DEIXAVA JÁ DE SER PROFESSORA"

Foi "a maior manifestação de professores que já se fez". Mais de 20 mil, "zangados e indignados", marcharam ontem em Lisboa. Contra a proposta de estatuto da carreira e contra a forma como dizem ser tratados. A ministra da Educação foi acusada de ser "autista", "mentirosa" e "ditadora". Ficou marcada uma greve.

Por Isabel Leiria

Professores efectivos, com poucos e muitos anos de carreira, desempregados, contratados. Docentes reformados, familiares vindos de Amarante, Covilhã, Leiria, Guarda, Coimbra e um pouco de todo o país. Manifestantes que nunca tinham saído para a rua em protesto. Dirigentes das 14 organizações sindicais que pela primeira vez se uniram em torno da mesma reivindicação e definiram um calendário de luta comum contra a proposta de revisão do estatuto da carreira.

Ao todo e segundo a polícia foram mais de 20 mil os que ontem desfilaram pela Avenida da Liberdade, em Lisboa, naquela que foi a "maior manifestação de professores que já se fez", de acordo com a organização.

É que se em Junho tinham sido sete mil a pedir na 5 de Outubro a demissão da ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, quatro meses depois e em dia de feriado nacional foram o triplo. Os motivos repetem-se mas com os professores a dizer que estão mais "zangados e indignados" do que nunca.

"É a primeira vez que venho a uma manifestação de há muitos anos a esta parte. O ministério manipula a opinião pública, mente e encomenda estudos para mostrar que os professores faltam muito e trabalham pouco", explica Casimiro Santos, professor de História há quase 30 anos numa escola da Covilhã. "A ministra age com base num voluntarismo básico, diz que é melhor avançar mesmo que não haja condições. Ao mesmo tempo é autista. Agora tem aqui a resposta dos professores."

Com largas dezenas de autocarros a descarregar manifestantes na rotunda do Marquês de Pombal e milhares de bandeiras coloridas, todas com a frase "Professores em Luta", a ser distribuídas cedo se percebeu que tinham sido muitos a aderir à marcha de protesto convocada pelas 14 organizações sindicais, na data em que se assinalava o Dia Mundial do Professor.

A fásquia era alta, com os sindicatos a prever 15 mil na rua. Percorrida mais de metade da larga avenida, os dirigentes não escondiam a sua satisfação. Olhava-se para trás e só se via um mar de gente que se estendia até junto da estátua do Marquês de Pombal. Os telefonemas para os colegas no fim da marcha indicavam que, "lá em cima", ainda chegava gente e não se conseguia avançar.

Ao longo da marcha até ao Rossio, as palavras de ordem sucediam-se. Contra as propostas previstas no estatuto (ver caixa) e os professores a gritar que "categoria há só uma: professores e mais nenhuma"; mas também contra a ministra, que acusavam de ser "mentirosa" e "ditadora".

"Estamos perante a desautorização completa dos professores. Um aluno que não estude pode passar porque se um professor lhe dá negativa isso reverte contra ele", diz Adriano Pinto, saído de Amarante às oito da manhã, referindo-se a um dos critérios de avaliação - os resultados escolares - a que vão estar sujeitos os docentes.

Descontentamento e prepotência

Armando Peixoto, 29 anos, e a mulher Raquel Neves, de 26, exprimiam o descontentamento pela situação dos professores sem colocação. "Sou professor há cinco anos e estou pela primeira vez desempregado." Docente de Educação Musical, sabe que uma das suas melhores hipóteses poderá ser como "recibo verde, a ganhar dez euros à hora e ainda a fazer os descontos" no desenvolvimento de actividades extracurriculares no 1.º ciclo.

Quanto à mulher, professora de Matemática e Ciências e também desempregada ao fim de quatro anos de contrato, lamenta que, numa área em que os resultados são tão maus, a tutela esteja a sobrecarregar os professores que estão nas escolas e não contrate outros.

Duas outras professoras de Matemática - que, tal como outros manifestantes, não quiseram identificar-se por temer "represálias" - subscreviam o discurso. "A autonomia das escolas é uma mentira chapada. Tudo o que uma pessoa quer fazer o ministério proíbe. Como no plano da Matemática: não se autorizam mais horas, desdobramento de turmas, tudo o que envolva meios económicos", protestava a professora que este ano dá aulas a turmas de 27 alunos.

E há o "descontentamento" com a forma "como falam" dos professores e com uma "prepotência" da tutela como nunca tinham visto. "Se pudesse, deixava já de ser professora", diz uma das manifestantes, com 18 anos de serviço. "Dantes trabalhava horas e horas a mais. Agora não tenho vontade de fazer isso", responde a colega.

Havia ainda quem expressasse outros motivos de descontentamento. Manuel Ribeiro, 65 anos, aposentado há três anos, não quis deixar de vir de Lamego até Lisboa. Porque a "ministra está contra os professores e tem feito deles o principal inimigo da sociedade". No seu caso, protesta ainda contra outras políticas, como a obrigatoriedade de "descontar um por cento para a ADSE". Sobre o aumento da idade da reforma, deixa a pergunta: "Olhe para mim e diga-me se eu tinha agora paciência para aturar crianças."

Mais de uma hora depois do início do desfile, os milhares de manifestantes chegaram finalmente ao Rossio e prometeram que a luta ia continuar. Ficou marcada uma greve.